
PESQUISAS E EXPERIÊNCIAS

SETOR INFORMAL: O OUTRO LADO DA ECONOMIA DO PAÍS (1)

RESUMO

O presente relatório trata dos resultados de uma pesquisa, em torno do setor informal, realizada na Praça Pinto Damásio, que se situa no bairro da Várzea, Recife-PE.

Seu objetivo é analisar como vivem as pessoas do setor informal e qual a sua perspectiva de trabalho dentro do setor terciário

Setor Informal: O Outro Lado da Economia do País

INTRODUÇÃO

O presente relatório trata dos resultados de uma pesquisa, em torno do setor informal, realizada na praça Pinto Damásio, que se situa no bairro da Várzea, Recife-PE.

(1) Texto produzido por alunos do Curso de Pedagogia da UFPE, matriculados na disciplina "Metodologia de Estudos Sociais 2".

Seu objetivo é analisar como vivem as pessoas do setor informal e qual a sua perspectiva de trabalho dentro do setor terciário.

Iniciamos os trabalhos com a apresentação do tema, discutindo algumas questões referentes à propostas de Metodologia de Estudos Sociais. Questionamos os diversos aspectos que envolvem o setor informal e os motivos que estão por trás desse fenômeno que incide intensivamente sobre a família brasileira.

Primeiro, discutiremos alguns dados levantados em sala de aula e depois partimos para a elaboração do roteiro da entrevista. Esse roteiro estava composto por dados de identificação e por dados das vidas econômica, sócio-política e cultural. A partir desse roteiro, elaboramos as perguntas, relacionando-as a cada item.

Em seguida, fomos conhecer a área e identificar os possíveis entrevistados. Marcamos um dia para a entrevista, que, após realizadas, tiveram seus dados sistematizados em nossa volta à sala com o objetivo de produzirmos um texto. A elaboração do texto foi feita por quatro grupos e consolidada a partir de leituras coletivas.

Este relatório possui duas partes. A primeira é a descrição dos dados coletados e a segunda é a análise da economia informal e a sua caracterização, seguidas de alguns comentários.

DESCRIÇÃO DOS DADOS COLETADOS: TRABALHOS INFORMAIS

Pensando nos motivos que levam um indivíduo a optar pelo trabalho informal, a turma de Pedagogia, do 6º período da UFPE, resolveu fazer uma pesquisa com os trabalhadores desse setor.

Para que isso fosse possível, fomos entrevistar estes trabalhadores no próprio local de trabalho; no nosso caso específico, foi na "Praça Pinto Damásio", mais conhecida como Praça da Várzea, por conta do bairro ali existente. O primeiro passo foi expor aos entrevistados a nossa ideia e, posteriormente, num segundo momento, aplicamos os questionários.

Coletamos vários dados que foram bastante úteis para a organização do nosso relatório e, de início, passamos a expor os dados de identificação dos nossos quatro entrevistados: Argemiro do Rego Paulino Correia, Carlos Joaquim, Sebastião Marcolino e Pedro, todos residentes no bairro da Várzea, cujas idades variam entre 21 e 77 anos, e sendo naturais de Itambé, Goiânia, Palmares e Crato, respectivamente. Os pais de alguns são também das cidades citadas e dois deles não souberam informar a naturalidade dos seus genitores. Metade dos nossos entrevistados são casados, um é solteiro e o outro encontra-se mantendo uma relação conjugal de fato, mas não formalmente legalizado.

Quanto à escolaridade, encontramos algumas diferenças: dois foram

apenas alfabetizados, um cursou o primeiro grau menor e apenas um deles cursou o primeiro grau maior.

Observando a vida econômica desses trabalhadores, percebemos que dois são barraqueiros, um trabalha com artesanato e outro possui um fiteiro. A renda pessoal de cada um varia de 1 a 4 salários mínimos e, muito raramente, toda a renda da família ultrapassa esse patamar. Estão no setor informal a 4 ou 5 anos e dizem que esta é a atividade básica para a sua sobrevivência. Dos quatro, apenas um é empregado de carteira assinada, outro é aposentado e dois são desempregados; e todos estão satisfeitos com a sua fonte de renda. Como podemos constatar acima, o local onde trabalham fica perto de suas residências e das feiras livres.

As atividades anteriores desenvolvidas por nossos entrevistados são as mais diversas: dois deles foram garçons (setor comercial), outro foi mecânico de usina e um foi marceneiro (ambos do setor industrial). No entanto, todos eles concordam que em um determinado aspecto, os trabalhadores informais se assemelham aos trabalhadores do setor formal: em relação às despesas que todos eles possuem, as maiores recaem sobre a alimentação e a habitação. Mesmo assim, a grande maioria dos nossos entrevistados possuem casa própria, de alvenaria, com água, luz e duas dessas casas têm saneamento básico. Apenas um possui casa alugada e, ao todo, suas casas possuem entre 4 e 8 cômodos.

Possuem de 3 a 16 filhos, com idades que variam entre 9 e 50 anos e, entre esses, apenas 3, pertencentes a uma mesma família, trabalham. Com relação à escolarização dos filhos desses trabalhadores, percebemos que variam do 1º grau menor até o 3º grau, sendo que um desses estuda em escola privada e os demais em escola pública.

Um outro aspecto observado é que todos os entrevistados têm conhecimento das organizações de bairros, mas não participam por acharem que não funcionam. Também não são sindicalizados e, quanto à greve, a maioria foi unânime em afirmar que a mesma só prejudica e não melhora em nada. Apenas um concordou que se deve fazer greve, como um modo de reivindicar os direitos que se têm enquanto cidadão. A unanimidade apareceu também em relação ao desemprego: vêem como uma coisa ruim, sendo a causa da violência e dos assaltos e que ninguém pode dar jeito.

Falando de partido, metade simpatiza com o PMDB e a outra metade não apresenta uma preferência definida por partidos, porque não gostam de envolvimento com políticos.

Quanto à vida cultural dos entrevistados, pudemos constatar que não há uma predominância em relação à religião que possuem: 50% se dizem católicos embora não freqüentem a igreja, segundo afirmam, “por falta de tempo” e 50% não têm uma religião definida. Justificam-se dizendo que não acreditam em ins-

tuições religiosas e outros dizem que freqüentam uma determinada igreja apenas para “fazer companhia”.

A maioria utiliza como fonte de informação mais freqüente o rádio. Há também interesse comum por TV, livro, revista e jornal. Para eles, o rádio, a TV, além de servirem como fonte de informação, servem também como uma forma de lazer, do mesmo modo que a música, a dança e o passeio. No entanto, a praia aparece como uma forma mais comum de diversão.

A preferência pelos tipos de música recai sobre o samba-canção e o bolero, não deixando de aparecer, no entanto, o gosto pelo forró e pela música instrumental. No que se refere aos programas de rádio, os mais ouvidos são os de variedades, embora uma pequena percentagem não mostre interesse por esse meio de comunicação. Quanto aos programas de TV, os gostos variam entre o telejornal, novela e programas de auditório, havendo aqui, porém, uma minoria que não tem uma preferência definida por programas.

A ECONOMIA INFORMAL

O setor informal da economia é um fenômeno essencialmente urbano. Nos países do Terceiro Mundo e, em especial no Brasil, o fenômeno decorre de políticas econômicas que não atendem às necessidades de emprego da população economicamente ativa, pois priorizam a acumulação de capital a partir de avanços tecnológicos, não contemplando, em sua plenitude, um contingente cada vez maior dessa população. A política de desenvolvimento para a região Nordeste, traçada pela SUDENE – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste –, é um exemplo disso.

Nas zonas rurais do Nordeste, a ciclicidade da produção nos latifúndios e a baixa produtividade nos minifúndios são os responsáveis pelo êxodo rural. Nas capitais, por sua vez, não há uma estrutura capaz de absorver essa força de trabalho proveniente do campo. Ademais, fruto ainda de tais políticas, há nas capitais um número considerável de desempregados urbanos; restando-lhes como única alternativa a dedicação ao setor informal da economia. O setor informal, portanto, é uma política de desenvolvimento econômico, da estrutura fundiária do Nordeste e da política de emprego para essa região.

O setor informal assume características diversas que passamos a explicar. É de pequena dimensão e suas unidades produtoras têm uma estrutura familiar. Por esse motivo, apresenta limitada extensão na divisão de trabalho. Outra característica é que a força de trabalho é constituída, em sua maioria, por mulheres, idosos e migrantes. Nas unidades desse setor as figuras do trabalhador e do proprietário se confundem.

As relações de trabalho não são regulamentadas, não obedecem a um código trabalhista, nem contam com a proteção governamental. A formação dos integrantes desse setor é adquirida fora do sistema educacional formal. É um segmento da economia onde é fácil o ingresso, pois não há grande exigência de qualificação, além do que, no interior do mesmo, não existe uma grande mobilidade, constatada na passagem de um ramo para outro, sem maiores obstáculos.

O salário não se constitui uma forma usual de remuneração de mão-de-obra em tal setor e pela sua baixa capacidade de acumulação não há expansão das atividades. Apresenta um renda intermitente e oscilatória que, embora permanente, não é fixa. São quase imunes a obstáculos institucionais e tecnológicos por possuírem uma estrutura interna flexível.

A cidade do Recife é um pólo catalizador da população migrante da região Nordeste. Além dos municípios do Estado de Pernambuco, Recife, concentra fluxos migratórios vindos dos demais municípios de outros Estados da região. O pequeno parque industrial encontra-se nas cidades circunvizinhas e não tem demonstrado ser capaz de absorver este considerável contingente de desempregados.

Se considerarmos que 30% do PIB nacional provêm do setor informal da economia e que se chegou a esta cifra através de uma média nacional, analisando dados do Recife, que possui um número exorbitante de trabalhadores no setor informal e de outras regiões do país, onde este número é menor, facilmente concluiremos que, em termos da cidade do Recife, esta média do PIB ultrapassa a marca dos 30%.

COMENTÁRIOS DOS DADOS DESCRITOS NA I PARTE, CONFRONTANDO COM OS COMENTÁRIOS DO TEXTO DE CLOVIS CAVALCANTI

O setor informal surge do desemprego e da migração. É o caso, por exemplo, dos nossos entrevistados. Todos são migrantes de cidades da Zona da Mata e do Sertão – Palmares, Crato, Itambé e Goiana, onde exerceram diferentes profissões: garçon, mecânico de usina e marceneiro.

Esse setor é o principal meio de subsistência de grande parte da população. Porém, a parte da população que busca sobreviver à custa das atividades informais tem características próprias. Pelo que pudemos observar, nossos entrevistados têm suas idades variando entre 21 e 77 anos, comprovando que a "população do setor informal, que dele retira seu sustento, é representada principalmente pelos extratos mais jovens ou pelos mais velhos da força de trabalho".¹ A não qualificação profissional e a pouca escolaridade é outra caracte-

rística deste setor. Dois dos nossos entrevistados foram apenas alfabetizados e um cursou o primeiro grau menor. Por outro lado, apenas um deles demonstrou preocupação com a escolarização de seus filhos.

A renda econômica desse setor não é bem precisa, pois os ocupados em atividades informais não dispõem de salários fixos por seu trabalho. Contam apenas com receitas flutuantes, sempre incertas. Por isso, quando consultamos nossos entrevistados, eles não souberam dizer com exatidão a quanto chegam as suas rendas. Pelo que pudemos captar, há uma variação entre 1 a 4 salários mínimos, aproximadamente.

Apesar de uma renda econômica incerta e oscilante, pudemos comprovar que a maior parte dos entrevistados possuem casa própria com água e luz, sendo que algumas são saneadas. Essas casas dispõem de TV, radiolas, o que nos mostra que o setor informal não deve ser associado à pobreza urbana e à população favelada. A informalidade não implica pobreza extrema.

O trabalho no setor informal apresenta algumas vantagens, tais como: "liberdade de escolha do local e horário de trabalho, que o torna atraente na medida em que o indivíduo, confrontando com baixas rendas formais e informais, muitas vezes prefere trabalhar pelas últimas" ². Nossos entrevistados mostraram-se satisfeitos com o setor informal a ponto de não sentirem necessidade de retornar ao setor organizado, uma vez que apenas um continua trabalhando no setor formal.

Apesar de se mostrarem conscientes da existência dos movimentos de bairro, os nossos entrevistados não participam, por acharem que é algo que não funciona.

Com relação à política, a metade dos entrevistados são simpatizantes do PMBD, e o restante não gostam de envolvimento político.

No que se refere ao lazer, religião e preferência por tipos de músicas, pudemos constatar que a maioria tem como meio de distração a televisão e o rádio, escolhem a música popular brasileira como a mais ouvida e a metade deles são católicos.

CONCLUSÃO

"No Brasil esconde-se outro país que não dá nota fiscal, desconhece o governo e fatura mais de 100 milhões de dólares por ano". Assim é o chamado setor informal da economia brasileira, que garante uma situação razoavelmente estável para aqueles que o compõem.

A proposta do nosso trabalho, observar como vivem as pessoas do setor informal e qual a sua perspectiva de trabalho no setor terciário, nos fez entender que esta fonte de renda é mais sólida e mais alta do que o salário de alguns ou-

tros empregos formais, que garantem uma vida muito mais tranqüila a nível econômico do que se possa imaginar.

Para nós, conhecer este outro lado da economia, que gera empregos e garante uma renda que impede um bom contingente de viver na miséria, foi entender como se estrutura realmente a economia do país e a quem atendem os interesses governamentais. O setor informal, de fato, amedronta os grandes empresários, conquista cada vez mais um alto índice de adeptos e ignora as leis e as altas taxas dos impostos do país.

Foi uma experiência riquíssima para todos nós. Resta saber como ficará essa economia daqui a alguns anos, quais as possíveis decisões do governo em relação a esse setor, uma vez que – sem dúvida – com o passar dos anos, mais pessoas ingressarão nesse “novo negócio” e a mão-de-obra, sempre em excesso, poderá – quem sabe – se tornar escassa.

Notas:

(*) Participaram da atividade e são co-autores deste texto, por ordem alfabética: Ana Paula B. Nery, Dilma S. Correia de Andrade Melo, Edna F. de Emery, Elaide Alves da Silva, Elba J.P. de Lima, Glória Maria dos Santos Menezes, José Luiz Gomes da Silva, Jurany B. Vasconcelos Câmara, Maria das Neves C. da Silva, Maria de Fátima S. Verçosa, Maria de Lourdes G. Lima, Maria Gloriete L. Vieira, Mariza C. de Moura, Matilde D. Gomes da Silva, Nadjane R. da Silva. Núbia da C. Barros, Rouse Shirley F. da Silva, Sandra Lúcia V. de Farias, Simone de M. Oliveira, Simone R. Costa, Tereza Cristina F. de Souza e Virginia C. e Silva Rocha.

(1) Cavalcante, Clovis – **Viabilidade do Setor Informal**. Recife - MIN-TER/SUDENE. 1978, p. 27.

(2) Idem, p. 31.